

"25 de ABRIL - Dez anos já?"

- comemorações
10 anos do 25 de Abril

Fundação SIN 72 64 Cuidar o Futuro

24 de Abril '84

MARIA DE LOURDES PINTASILGO

Ambassadeur du Portugal auprès de l'Unesco

Fundação Cuidar o Futuro



126, AVENUE DE SUFFREN
75015 PARIS

TÉL. 567-97-41

25 DE ABRIL - DEZ ANOS JÁ?

Dez anos já??

De facto parece ainda datar de ontem a esperança num tempo melhor para todos, a alegria de uma liberdade re-encontrada, a determinação na construção de um país novo.

Dez anos já??

Não parece nada para quem ontem tinha 40 anos e hoje tem 50.

Mas é tudo - é uma vida, é o mundo a abrir-se - para quem acordou aos 8 anos, criança ainda para a escola, pela primeira vez criança - do -país-de-Abril, e hoje, com 18 anos, pode legitimamente perguntar-nos: o que fizeram à claridade dessa manhã? onde está a alegria desses dias de Abril?

Podíamos então contar o que queríamos ter realizado e não conseguimos. Erros, exageros, falhas, sectarismos, ignorância - de tudo vem marcada essa nossa experiência de 10 anos.

Mas não somos contadores do que "poderia ter sido". Estarmos aqui significa que vindos de Abril somos homens e mulheres do "tempo presente, da vida presente".

E o tempo presente chama-nos a tornar esse passado não uma promessa do que poderia vir a ser, mas a garantia do que poderá ser se o quisermos.

E a vida presente convida-nos a tornar esse tempo de Abril não apenas uma confiança ingénuo em milagres não-acontecidos mas sobretudo uma serena segurança de que é possível, é viável, construirmos com a criança de ontem, adulto de hoje, uma terra mais feliz, um tempo mais puro.

O que vamos fazer?

Que podemos fazer?

Deixarmos que à nossa volta - e pela nossa própria desistência - se vão definhando as vontades e os ânimos numa austeridade sem horizonte, caindo de novo na apatia, na inércia e na corrupção, todas filhas

2

X

da mesma atitude de espírito? Ou pelo contrário, agarrarmos a vida presente e darmos cor e qualidade, exactidão, às grandes tarefas e rigor do aproveitamento dos recursos, da orientação dos consumos, da partilha social dos sacrifícios, da descoberta de novas possibilidades para o nosso relacionamento?

1. O 25 de Abril foi uma vitória da democracia.

Mas essa vitória não é estática.

Para ser permanentemente vitória, tem de continuar a enriquecer-se com os novos dados de cada momento histórico.

A democracia não é um ideal abstracto. É um modo de organização social em que "a soberania reside no povo" e dele emana.

No tempo de hoje, em que os direitos individuais são universalmente reconhecidos, a democracia tem de estar intimamente associada a objectivos bem definidos, decorrentes das exigências postas por esses mesmos direitos.

Fundação Cuidar o Futuro

A democracia hoje continua a ter que ver com liberdade, mas uma liberdade que abarca globalmente todos os domínios da vida humana: não só a liberdade de a pessoa se exprimir, se associar-se movimentar, de professar a sua própria Fé, mas também a liberdade de trabalhar - e para isso ter condições de emprego digno e remunerado; de constituir família - e para isso ter habitação condigna; de saber e compreender o que se passa à sua volta - e para isso ter uma informação não manipulada; de ter segurança no seu bem-estar - e para isso ter acesso aos serviços de saúde e a uma alimentação adequada.

2. Dez anos após o 25 de Abril, e perante a espectacular transformação do mundo moderno, não nos basta ouvir as vozes que falam de democracia sem conteúdo, sem finalidade, sem projecto.

Queremos definir a finalidade: que é o bem estar de todas as pessoas.

Queremos dar-lhe um conteúdo: que é um plano claro de desenvolvimento para o país.

Queremos traduzi-la num projecto: que é o aproveitamento de todos os recursos humanos que em nós existem e a plena participação de todos e de cada um na definição das grandes prioridades e na resolução das grandes questões que se põem à consciência nacional.

Queremos uma democracia dinâmica, construída por todos os portugueses, em todos os locais, em todas as regiões.

E queremos-la assim porque para nós cada pessoa é portadora de dignidade humana. Cada pessoa tem em si as potencialidades necessárias para poder forjar o seu destino, e para contribuir, com as suas ideias, experiências e acções, para delinear, com vontade e certeza, o nosso destino colectivo.

Dizer que a democracia tem finalidade é, pois, em 1º lugar, ultrapassar as "guerras" mesquinhas e incompreensíveis entre pessoas, grupos e instituições.

É dar lugar a que se construa um querer comum, uma vontade consensual não feita de cedências mas da clara urgência dos objectivos a atingir.

3. Democracia com projecto: a plena participação de todos com o melhor que cada um tem para dar ao esforço colectivo.

A mera delegação de poderes, às decisões vindas unilateralmente de cima, contrapomos a nossa responsabilidade activa por tudo o que nos diz respeito.

A democracia que veste as roupagens do partido único ou do bloco de coligação igualmente hegeniónico, chamando a si toda a expressão do poder em todas as instituições, contrapomos a democracia em que os centros de decisão legítimos se encontram em todos os lugares, regiões e

domínios de actividade onde a vida dos cidadãos se organiza e se estrutura.

Por isso, entendemos que as autarquias e as regiões não são delegações do poder central.

São sedes de poder e como tal devem ser encaradas e respeitadas.

Por isso, entendemos também que as associações socio-profissionais, cultural e recreativas são centros vitais da criação da vontade de todos nós e da possibilidade de construirmos as alternativas necessárias.

É nessa multiplicidade de situações - membros activos de organizações e da vida social na nossa terra - que saberemos definir melhor os problemas que temos, que tentaremos resolver-los quer pela avaliação dos recursos disponíveis quer pela forma decidida como, no que estiver ao nosso alcance, havemos de compensar os desequilíbrios mais gritantes de que nos damos conta.

Não, esta democracia não é utópica nem idealista. É a democracia necessária hoje. Por isso é profundamente realista. Porque é a mera invenção do que é viável.

Fundação Cuidar o Futuro

4. Democracia com um conteúdo, um plano claro de desenvolvimento para o país.

Não nos deixemos iludir por perspectiva que apenas encara as questões nacionais através de interpretações imediatistas e antiquadas dos problemas orçamentais.

Não nos conformemos com a pobreza envergonhada. E ainda menos com as cedências que levam a bater a todas as portas e a pedir auxílio mesmo à custa da nossa dignidade.

Temos recursos naturais que devemos saber gerir e aproveitar, começando localmente onde vivemos e trabalhamos.

Temos iniciativa e capacidade de arriscar.

Criaremos o que é necessário a este país e ao povo que somos. E f
-lo-emos em conjunto, à luz de dia, sem intenções obscuras.

Temos pelo país fora uma infinidade de circuitos informais que são, em muitos casos, meio de sobrevivência para lares sem emprego ou sem salário, apesar do emprego.

Não temos medo de aproveitar a economia paralela que outros povos, muito mais ricos que nós estão a integrar no seu processo económico.

Corrigindo-lhe as distorsões e os abusos, temos de encontrar a mola que a dinamiza e dar substância aos circuitos de solidariedade (em tempos de dificuldade) que cria e suscita.

Em vez dum sector a deixar de lado, desperdiçando a iniciativa e o engenho que revela, queremos que ela contribua para fortalecer a economia anquilosada em que nos movimentamos.

Não queremos zonas tabús na actividade do nosso país; queremos decidir na base dos resultados conhecidos quais os sectores rentáveis e os que o não são. Queremos ter a certeza do interesse social real (e não fictício) da manutenção de uns e de outros.

É neste contexto que vemos o direito e o dever de trabalhar.

Não queremos que o emprego seja usado para manter as pessoas ocupadas a fazer o que não as interessa e que tão pouco tem utilidade social.

Onde quer que vivamos, queremos descortinar as tarefas que são socialmente úteis e necessárias, formarmos as pessoas para as executarem e lançarmos nessa acção comum toda a nossa energia.

Temos tradições quase perdidas de trabalho e criatividade que, com um impulso oportuno, podem converter-se em escolas de aprendizagem e em novos sectores de actividade produtiva.

Vamos utilizar a informação disponível para que uma escala de valores verdadeiramente humana conduza o nosso comportamento face ao consumo.

Atentaremos no que é bom, útil, belo, criador de solidariedade. Poderem re-orientar assim os bens de que precisamos em vez de sermos levados a consumir os bens que outros decidem produzir e de que não preci-

samos.

5. Queremos uma Democracia com finalidade - vida melhor para todos. E isto significa, antes de tudo o mais, pão e tecto.

O que quer dizer, entre muitas outras coisas igualmente concretas, re-estruturar a agricultura, criar novas indústrias agro-alimentares, diminuir a nossa dependência alimentar. E é possível fazê-lo. Basta que não nos tornemos preza de preconceitos ideológicos e que saibamos dar valor económico às iniciativas de inegável significado social.

Basta sobretudo que tenhamos imaginação, que nos libertemos dos moldes do princípio do século ou da passividade de tudo esperarmos do estrangeiro...

Se são as pessoas o centro e a meta do desenvolvimento é necessário que encontrem não só lugar para viver mas uma habitação condigna onde as crianças possam crescer, em que o sofrimento dos doentes seja discretamente amparado, em que a ajuda mútua dos membros da família deixe de ser uma figura de retórica face ao quadro da quase-promiscuidade habitacional.

Fundação Cuidar o Futuro

Aqui ficam alguns traços da democracia a construir, a tornar mais real, no termo destes dez anos.

Tarefas que nos esperam e que hão-de ser realizadas, se Deus quiser - dizemos nós na linguagem de Fé que nos vem dos nossos pais; e também se nós quisermos - dizemos nós na linguagem da história que vivemos e aprendemos.

Que esta unidade hoje nos grandes objectivos possa ser vivida ao longo dos próximos anos! O tempo urge, só interessa o que converge e unifica. E por isso ganha sentido para os homens e as mulheres do presente os adultos e as crianças de ontem - podermo-nos dizer como uma palavra amiga, um segredo, quase uma prece: "O presente é tão grande, não nos afastemos".